

A ESTRADA DE FERRO E SUA INFLUÊNCIA NO CONSUMO DA REGIÃO SUL DE GOIÁS, 1870/1930¹

Hamilton Afonso de Oliveira

Universidade Estadual de Goiás (UEG)– Unidade Universitária de Morrinhos-GO.

E-mail: hamiltonafonso@bol.com.br

RESUMO – O objetivo central deste trabalho é fazer uma análise da influência do desenvolvimento dos meios de comunicação e transportes no desenvolvimento do consumo na região sul de Goiás entre os anos de 1850 a 1930. As principais fontes utilizadas na pesquisa foram as notas promissoras de cobrança de donos de estabelecimentos comerciais, anexadas aos processos de inventários *post-mortem*, como cobrança dos dividendos do(s) inventariado(s) no ato da partilha dos bens. Percebeu-se que, além da influência na estrutura e composição da riqueza familiar decorrente da valorização da terra, crescimento da produção agropastoril e a melhoria da infraestrutura com a construção de currais e cercamento das propriedades rurais a melhoria dos meios de comunicação e transportes ocorridos a partir da década de 1870, com a abertura da estrada do sul (estrada Goiás-São Paulo), a interiorização dos trilhos da estrada de Ferro que chegou ao Triângulo Mineiro na década de 1890 e, posteriormente, em Goiás a partir de 1909 que, associado ao prenúncio do desenvolvimento do transporte rodoviário, também, foram determinantes para que ocorresse um significativo crescimento do mercado consumidor no sul de Goiás no período. Sobretudo a partir da década de 1910, houve um aumento muito significativo do mercado consumidor interno, com a entrada de mercadorias diversas oriundas de outras regiões do Brasil e até do exterior. A presença da estrada de ferro contribuiu para o início da disseminação de novos hábitos, costumes e valores de uma sociedade de consumo em detrimento aos valores de uma sociedade tipicamente agrária e que se auto sustenta.

PALAVRAS CHAVES – Goiás, estrada de ferro e consumo.

ABSTRACT - The objective of this paper is to analyze the influence of the development of means of communication and transport in the development of consumption in southern Goiás between the years 1850 to 1930. The main sources used in research were promising notes for the recovery of owners of commercial establishments attached to the processes of postmortem inventories, such as collection of dividends inventory at time of division of property. It was noticed that, besides the influence on the structure and composition of household wealth resulting from the appreciation of the land, agropastoral production growth and improvement of infrastructure with the construction of corrals and fencing of farms to improve media and transport occurred from the 1870s with the opening of the southern highway (road Goiás and São Paulo), internalization of the rails of the railway which arrived in the Triangulo Mineiro de 1890 decade and, later, from Goiás in 1909 which, together with harbinger of development of road, too, were crucial for this to happen a significant consumer market in the south of Goiás in the period. Especially since the 1910s, there was a considerable increase in the consumer market with the entry of various goods from other regions of Brazil and even abroad. The presence of the railroad contributed to the early spread of new habits, customs and values of a consumer society over the values of an agrarian society and are typically self sustained.

KEY WORDS - Goiás, railway and consumption.

O processo migratório que culminou com ocupação das terras goianas caracterizou-se por três momentos: o primeiro momento relaciona-se com o desenvolvimento da atividade de extração aurífera cujos primeiros povoados, vilas e cidades surgiram margeadas às principais

¹ Este trabalho são resultados parciais do projeto de pesquisa intitulado: **História da Riqueza e do Consumo no Sul de Goiás – 1850-1930**, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás – FAPEG, Edital 001\2008, vinculado à Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás, vigência 2009/2010.

minas auríferas, localizadas, principalmente, na região central de Goiás e que teve como principais cidades Vila Boa de Goiás e Meia Ponte (atual Pirenópolis); o segundo momento, relaciona-se no contexto internacional com crise do Antigo Sistema Colonial agravada pelos desdobramentos da Revolução Industrial inglesa e Revolução Francesa, acabaram resultando na transferência da corte portuguesa para Rio de Janeiro em 1808 e, posterior, a emancipação política definitiva do Brasil em 1822. A presença da corte portuguesa acabou sendo determinantes para o desenvolvimento do sudeste e, logo, estimulou a migração de milhares de famílias desta região, sobretudo, de Minas Gerais para o Triângulo Mineiro e sul de Goiás nas primeiras décadas do século XIX; a terceira onda migratória teve início a partir da década de 1870, e está associada diretamente a melhoria das vias de comunicação e transportes terrestres, primeiramente, pela melhoria das vias de comunicação com a construção da estrada do sul, passando por Monte Alegre-MG, Santa Rita do Paranaíba (atual Itumbiara-GO) e Morrinhos-GO e, posteriormente, com a gradativa chegada dos trilhos da estrada de ferro ao Triângulo Mineiro e Goiás a partir da década de 1890.

A interiorização dos trilhos da estrada de ferro assinalou o início da integração de Goiás a uma economia de mercado. Por outro lado, permitiu o crescimento do mercado consumidor interno à medida que um volume maior de produtos começou a chegar ao território goiano causando relativa mudança nos padrões de consumo e conduta da população. Provocou também, crescimento da produção agropastoril com a incorporação de novas terras à produção, instalação das primeiras “indústrias” como a do charque, manteiga e curtumes, máquinas de beneficiar arroz, etc. e o início da divisão do trabalho assentado na produção para o mercado interno e produção familiar. As cidades goianas Ipameri, Catalão e Roncador (Urutaí) tornaram-se importantes entrepostos comerciais, devido a presença da estrada de ferro,

grandes firmas comerciais, comissárias e consignatárias, as quais compravam mercadorias diretamente de São Paulo e as distribuíram para outras regiões do Estado. [...] Na década de 1920, a importação de tecidos atingiu a cifra de 275 toneladas e, as importações totais de mercadorias naquele ano alcançaram quase 10 mil toneladas. [...] as exportações por meio da ferrovia atingiram mais de 12 mil toneladas de produtos agropecuários e extrativos (BORGES, 1990, p.100).

Com a estrada de ferro as relações comerciais regionais e inter-regionais se aumentaram decorrente do crescimento do comércio exportador e importador. No sudeste, o surgimento de novos centros comerciais como Catalão, Ipameri, Urutaí e Pires do Rio, não substituíram ou reduziram a importância das cidades do Triângulo Mineiro (Uberlândia, Araguari e Uberaba)

no comércio regional, sobretudo, no sudoeste e parte sul de Goiás, as relações com os mineiros se fortaleceram.

A ligação de Goiás com a estrada de ferro sempre foi alvo de discussões e divergências de interesses públicos e privados do Triângulo Mineiro em detrimento dos interesses goianos. Autoridades, comerciantes e fazendeiros das principais cidades do Triângulo Mineiro, também souberam tirar proveito das divergências entre as oligarquias goianas na Primeira República. Segundo Guimarães, a partir de 1906, quando se instalou o primeiro movimento separatista do Triângulo Mineiro, várias foram reivindicações da região atendidas pelo poder público estadual mineiro e federal, que acabaram beneficiando, principalmente, as cidades de Uberaba e Uberlândia. Dentre estas, o não execução do prolongamento do ramal ferroviário que partia de Uberaba partindo do ponto mais conveniente da linha Uberaba-Rio Paranaíba até Morrinhos no sul de Goiás (GUIMARÃES, 2004).

Conforme Guimarães (2004) outro resultado relevante do movimento separatista, foi a autorização e liberalização de recursos do governo federal para a construção da ponte Afonso Pena em 1906 sobre o rio Paranaíba. Santa Rita do Paranaíba (atual Itumbiara) tornou-se o principal eixo de ligação das regiões sul e sudoeste de Goiás com o Triângulo Mineiro. A cidade de Uberlândia foi a mais beneficiada, por ter se tornado, o principal entreposto comercial de Goiás e Mato Grosso com São Paulo. Daí o interesse da iniciativa privada e pública de Uberlândia e Uberaba em financiar, juntamente, com as oligarquias e autoridades locais do sul e sudoeste goiano a construção das primeiras estradas de rodagens com o intuito de incentivar o transporte de mercadorias e pessoas através do automóvel.

Conforme anotações de Tito Teixeira (1966), as intenções das oligarquias, comerciantes e autoridades do sul e sudoeste de Goiás através da utilização do automóvel, eram de intensificar as relações comerciais com Uberabinha (Uberlândia) que era servida pela Estrada de Ferro Mogiana, em detrimento das cidades de Catalão e Ipameri, com estações ferroviárias bem mais próximas. Parece que as rixas políticas entre as oligarquias do sul, sudoeste de Goiás e Triângulo Mineiro para com os grupos políticos do sudeste goiano persistiram mesmo após a presença da estrada de ferro nesta região. A participação de autoridades e iniciativa privada do Triângulo Mineiro no incentivo e incremento do transporte rodoviário no sul e sudoeste goiano eram uma das alternativas de assegurar o controle do comércio pelos mineiros nesta região de Goiás.

A melhoria nos meios de comunicação e transportes proporcionados pela inserção da estrada de ferro e dos primeiros automóveis não resultaram numa abrupta mudança na paisagem e nos costumes. Mesmo assim, a grande maioria da população, composta de roceiros e agregados continuavam levando uma vida simples e sem luxo, de mobiliário escasso, as habitações eram predominantemente de pau-a-pique e barro, coberta de palhas de palmeira, de capim, raramente de telhas. Até a década de 1880, o mobiliário era muito escasso, restringindo-se a bancos e mesas toscas e alguns utensílios básicos de cozinha, algumas peças de roupas e de cama, condenado à pobreza e a uma vida itinerante o agregado não se dava ao luxo de possuir camas ou catres, dormiam sobre girais fixos de madeira roliça fixa ao chão, forrados com colchão de palha ou capim, da mesma forma as mesas, bancos e prateleiras. Dormia-se sobre girais fixos de madeira roliços presos ao chão, forrados com colchão de palha ou capim. O mobiliário consistia de alguns utensílios de cozinha, geralmente, de cobre ou ferro, catres, rodas de fiar, bancos toscos de madeira e caixas de madeira utilizadas para guardar roupas.

No geral a simplicidades e a rusticidade eram características marcantes na maioria das famílias de fazendeiros e agregados que habitavam o mundo rural do sul de Goiás. A literatura dos viajantes que passaram pela região e os bens que eram declarados nos inventários *post-mortem* atestam que era comum, fazendeiros de muitas posses levarem uma vida muito simples e sem o conforto material que aos olhos de quem observava externamente os colocassem em status social diferente em relação aos indivíduos menos abastados de sua sociedade da época. L. Aragão ao estudar a ocupação do planalto central afirma que, os fazendeiros de posses organizavam sua vida material de forma bem despojada:

na varanda, uma rede, uns bancos ao longo e algumas cadeiras toscas. Na sala de visitas, uma mesa de centro com um pequeno vaso de flor, quatro cadeiras, eventualmente um jogo de sofás – tudo feito no lugar – [...]Na sala de jantar, uma grande mesa onde freqüentemente jantam juntos o patrão e os empregados mais antigos servidos pela esposa e pelas numerosas “filhas de criação”, algumas delas eventualmente produto da união concubinosa do fazendeiro com alguma empregada ou negra. Nos quartos, as camas de madeira, com estrados de tiras de cipó, algumas vezes tábuas, os colchões de crina de cavalo, os travesseiros de paina, ou tudo em, capim próprio para este fim. A cozinha, com o fogão de lenha e com uma mesa para o café e a prosa entre o dono da fazenda e pessoas já mais habituadas e conhecidas, podendo aí mesmo ser servida a refeição.(ARAGÃO, 1993:178)

As casas de uma maneira geral eram construídas em locais previamente escolhidos, de preferência, na proximidade de cursos d'água, erguidas sobre uma estrutura de madeira com ripas e troncos tirados do mato, cobertos de telhas ou com folhas de buriti. O barreamento era feito geralmente com barro misturado com estrume de gado. Os inventários *post-mortem* revelam que, as residências das famílias mais abastadas eram dotadas de um relativo conforto

com número maior de cômodos, assoalhadas, com construção sustentada em madeira de lei, principalmente, aroeira com paredes construídas em adobe ou de taipa de mão. Além disso, possuía importantes benfeitorias que possibilitava a autossuficiência do proprietário e dependentes, como monjolos, moinhos e engenhos essenciais no beneficiamento e produção de mercadorias (farinha, rapadura, aguardente, doces, etc.) destinadas tanto para o consumo familiar ou abastecimento do mercado local.

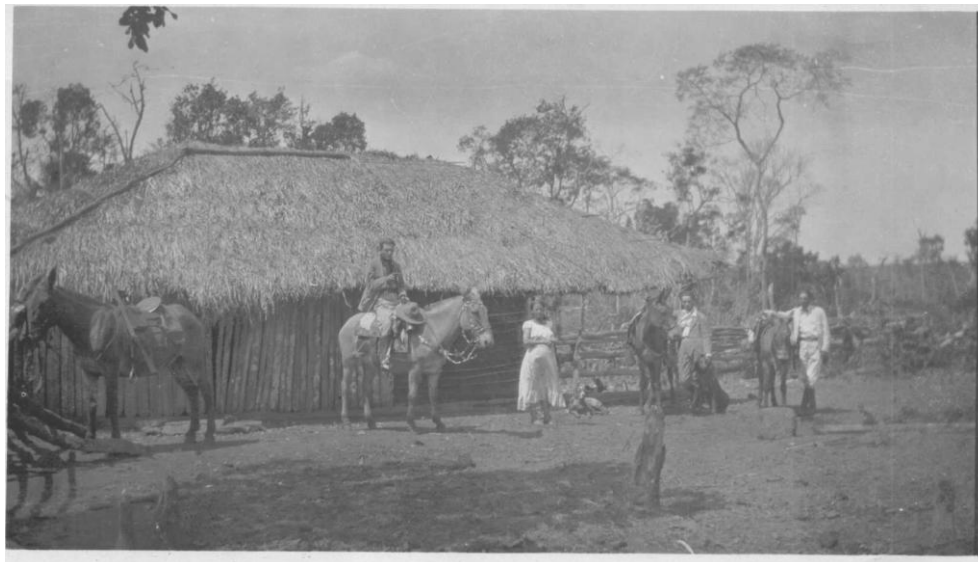
Além de casa de alvenaria os sítios contavam com paiol, mangueiro, currais, forno e pastos. Havia também os espaços reservados ao alojamento de carros de bois, arreamentos, ferragens e teares. O quintal era formado com uma grande variedade de arvoredos frutíferos, onde se criavam animais de pequeno porte como: porcos e galinhas. Para iluminação utilizava-se do candeeiro de barro ou de metal umedecidos em algodão torcido com banha de porco ou azeite de mamona. Em fins do século XIX e princípios do século XX começaram a chegar os recipientes de iluminação de derivados do petróleo como: os lampiões a querosene e gás e as lamparina.

Durante grande parte do século XX em Goiás os ranchos de pau-a-pique eram muito comuns na paisagem rural. Esses casebres forrados com folha de buriti ou de telha ainda continuavam sendo a moradia típica de lavradores e pequenos proprietários que habitavam o mundo rural no sul de Goiás até a década de 1970. A vida simples e sem luxo, também, era freqüente, mesmo entre famílias ricas, conforme relatos de viajantes que percorreram Goiás no século XIX e primeiras décadas do século XX relatam que em determinadas circunstâncias era difícil de saber, conforme o modo de trajar e de se comunicar em saber quem era o proprietário, o agregado ou camarada e, mesmo, o escravo.

Na residência das famílias mais ricas de Goiás havia utensílios para servir os alimentos, como travessas. Também poderia encontrar louças e esmaltados de origem alemã e francesa. As panelas de ferro, provavelmente, vinham da Inglaterra. Nestas residências do início do século XX, havia também, relógios de parede acompanhados de retratos dos antepassados da família nas salas de visitas. Antes da chegada da energia elétrica, as casas das famílias mais abastadas eram iluminadas com velas de sebo dispostas em castiçais ou com lampiões de querosene. (REBELO, 1987) O luxo e o requinte de uma família importante expressavam-se nas baixelas e talhares de prata com nome cravado do patriarca. Até mesmo, arreios e estribos dos cavalos poderiam ser ornados de prata. Em Morrinhos nos inventários do coronel

Hermenegildo Lopes de Moraes e de sua viúva Maria Carolina Nazareth Moraes e coronel Pedro Nunes da Silva revelam a presença destes utensílios.

FOTO 1 – MORADIA TÍPICA DOS LAVRADORES AGREGADOS EM GOIÁS



Fonte: Museu Antônio Correa Bueno, Morrinhos-GO. – arquivo digital do autor. Rancho típico de morada dos lavradores agregados de Goiás – Foto tirada por volta da década de 1930.

Victor Coelho ao percorrer Goiás nos fins da década de 1920, em visita a uma propriedade, cujo proprietário era detentor de 45 mil hectares de terras e muito gado, levava uma vida muito simples e sem o devido conforto que sua riqueza lhe poderia proporcionar,

tudo em volta indicava que não havia falta do necessário para o sustento da família. Dinheiro vivo era coisa muito rara. Os meios de vida se garantiam pelos alimentos produzidos na roça e pelos animais criados. Os tecidos eram todos produzidos nos teares caseiros. Comprava-se apenas o sal e as ferramentas e muito poucas coisas. Os remédios estavam na horta e no cerrado e a medicina era a dos curandeiros. Ninguém sabia ler e, quando a "precisão acontecia" caminhavam-se quilômetros até alguém que pudesse ler as cartas e responde-las. Havia um completo desconhecimento do relógio que, nas palavras dos sertanejos, era um instrumento que “anda de parelha com o sol”. (ALMEIDA, 1935, apud. GARCIA, 1999, p.89-91)

Apesar da presença da estrada de ferro e a chegada dos primeiros automóveis, o ritmo da vida para a maioria das pessoas que aqui viviam seguia o curso da natureza. Mas, já se vislumbrava algumas mudanças na cultura e na mentalidade, principalmente, a partir do final do século XIX e primeiras décadas do século XX. A partir da análise dos inventários post-mortem, percebe-se que além do crescimento do mercado consumidor, a partir da década de 1880, com a introdução do relógio, início da delimitação e cercamento das propriedades revelam o processo de monetarização da sociedade e início da disseminação de uma cultura mais capitalista e mercantil.

As relações de trabalho assentavam-se nas relações de compadrio e camaradagem. Quem trabalhava na lida do gado geralmente recebia como forma de pagamento crias, geralmente, a cada quatro crias uma lhe pertencia.² Dos agregados que não estavam ligados diretamente com a criação de gado, os proprietários só desejavam uma coisa: o capim. O indivíduo podia fazer a roça que bem entendesse. A mata era derrubada, plantava-se a roça, e depois de algum tempo, de 02 a 03 anos, o agregado tinha por obrigação entregar pasto formado com pastagem (RAMALHO, 1986). A maioria da população ganhava a vida trabalhando para os agricultores e criadores, na maioria das vezes, eram pagos com produtos da terra. As mulheres que teciam e fiavam o algodão, também, podia receber os pagamentos na forma de mercadorias (SAINT-HILAIRE, 1975).

O preparo da terra para o cultivo e a organização das pastagens requeria um esforço conjunto dos componentes do núcleo familiar, sobretudo, de um grande número de agregados uma vez que, as sofisticadas máquinas agrícolas eram muito raras nas paragens goianas. Todo o trabalho era feito com o uso dos braços tendo como instrumentos básicos de trabalho a enxada, o machado, foice, o cuitelo e o fogo. A queimada era uma prática muito comum diante da precariedade dos recursos técnicos, era o método mais rápido e eficaz de limpeza do terreno diante dos rudimentares instrumentos de trabalhos utilizados para a lavra da terra. Antes da chegada do arame as propriedades não eram cercadas e os limites eram determinados pelos por uma árvore, rio, córrego, montanha, marcos na forma de um cruzeiro aroeira, etc.

Goiás era uma sociedade tipicamente agrária e autossuficiente, uma vez que, produzia-se quase tudo o que era necessário nas fazendas. Nos mercados da vila, compravam-se ferramentas, utensílios de cozinha, medicamentos, tecidos, chapéus, calçados, sal, café, arme e farinha de trigo. A farinha de trigo e o arame começaram a ser comercializadas nos estabelecimentos comerciais com maior freqüência a partir de 1900.

O comércio abria as portas tanto nos domingos e feriados, segundo Joaquim Rosa “o comércio funcionava a semana inteira e entrava a noite adentro. Nos domingos, as lojas mais movimentadas regurgitavam de fregueses. E um mundão de piquiras com suas cutucas, viam-

² Segundo José Ramalho “quem morava dentro de uma fazenda era o vaqueiro. Ele era empregado do patrão. O vaqueiro ganhava uma porcentagem do gado que nascia na fazenda. A cada quatro bezerros tinha direito de ficar com um. O uso do dinheiro para o pagamento não existia, a não ser ocasionalmente. O trabalho do vaqueiro era cuidar do gado durante um ano. No final deste tempo ele recebia a sua parte (o quarto). Mesmo com a possibilidade de ir formando seu próprio rebanho, o vaqueiro vendia quase tudo que recebia para o próprio fazendeiro.” Op. Cit. BRANDÃO, Carlos R.; RAMALHO, José R. *O campesinato Goiano: três estudos*.UFG:Goiânia,1986.

se amarrados nas estacas em frente às portas, nos cabeças de frade”(ROSA, 1974, p.14). Como a maioria da população vivia no campo era nos finais de semana e feriados que as famílias se deslocavam à vila ou cidade para fazer as compras necessárias ao consumo do mês. Nesta época ainda era comum o comércio à base de trocas, conforme Joaquim Rosa,

era comum a troca de um pedaço de pano marca 33, de um maço de linha Atlas com seus dez ‘carrinhos’, de um canudo de pólvora elefante, por meia quarta de goma, umas tantas de rapadura, meio alqueire de arroz pilado, duas medidas de puba. O regime de troca muitas vezes substituía o mil réis. [...] As casas comerciais de maior conceito e solidez mandavam imprimir nas tipografias de Uberaba, vales de quinhentos réis e um mil réis, autenticados pelo emissor. Circulavam livremente até entre cidades mais próximas. (ROSA, 1974, p. 14)

Nas casas comerciais vendiam de tudo - conforme nota-se na Tabela 1 - armarinhos, ferragens, ferros em barra, calçados, couros, chapéus, secos e molhados, sal, café, açúcar, medicamentos, arreamentos, aviamentos fúnebres, artigos de cama, mesa e banho. Nas duas primeiras décadas do século XX, com a estrada de ferro, estes estabelecimentos comerciais passaram a vender, além dos tradicionais artigos, as novidades do novo século como: artigos para confecção de moda, querosene, arame farpado, farinha de trigo, roupas e perfumarias.

Além de venda de uma grande variedade de mercadorias, os estabelecimentos também emprestavam dinheiro a juros aos seus fregueses. Devido a falta de dinheiro em circulação, problema que persistiu nas primeiras décadas do século XX, os pagamentos poderiam ser em produtos (agromanufaturados, e produção agrícola) e serviços (dias de serviço de campeio de gado ou na lavoura e fretes de carros de bois). Segundo Joaquim Rosa “as casas comerciais de maior conceito e solidez mandavam imprimir nas tipografias de Uberaba, vales de quinhentos réis e um mil réis autenticados pelo emissor. Circulavam livremente até entre cidades mais próximas.”(ROSA, 1974, p.14)

**TABELA 1 - ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS DO SUL DE GOIÁS –
1871/1920***

ESTABELECIMENTOS	DESCRIÇÃO DO COMÉRCIO	ENDEREÇO
DÉCADA 1870		
Hermenegildo Lopes de Moraes	Grande depósito de fazendas, armarinho, ferragens, ferro em barras, calçado, couros e chapéus. Grande depósito de molhados, açúcar, café, sal e gêneros da terra	Rua das Flores n. ^{os} 9/10 – Atual Rua Cel. Pedro Nunes (Morrinhos-GO)
José Luiz de Medeiros	Sortimento de fazendas, ferragens, molhados, roupa feita, calçados, armarinho, modas, chapéus, artigos de fantasia e luxo.	Morrinhos
Francisco Soares Pinheiro	Sortimento de fazendas, ferragens, molhados, roupa feita, calçados, armarinho, modas, chapéus, artigos de fantasia e luxo.	Morrinhos
DÉCADA DE 1880		
Casa Do Bom Gosto/ João Gualberto Teixeira & Cia.	Completo sortimento de fazendas, ferragens, armarinho, chapéus, louça, molhados, calçado, roupa feita, cobre, couros, sal, café e gêneros do país	Morrinhos
Hermenegildo Lopes de Moraes & Cia.	Com grande sortimento de fazendas, ferragens, armarinho, roupa feita, chapéus, calçado, louça, molhados, sal, café e mais gêneros do país.	Morrinhos
Hermenegildo, Nunes & Cia. Sucessores de Hermenegildo Lopes de Moraes & Cia	Com grande sortimento de fazenda, ferragens, armarinhos, roupa feita, chapéus, calçado, louça, molhados, sal, café e mais gêneros do país.	Morrinhos
José Luiz de Medeiros	Sortimento de fazendas, ferragens, molhados, roupa feita, calçados, armarinho, modas, chapéus, artigos de fantasia e luxo.	Vila Bela-GO (Morrinhos-Go)
Joaquim José Coelho	Sortimento de fazendas, ferragens, molhados, roupa feita, calçados, armarinho, modas, chapéus, artigos de fantasia e luxo.	Rua do Comércio n.º 11 Uberaba-MG
Francisco Soares Pinheiro	Sortimento de fazendas, ferragens, molhados, roupa feita, calçados, armarinho, modas, chapéus, artigos de fantasia e luxo.	Morrinhos
Eliezer Severino de Oliveira & Cia.	Grande sortimento de Fazendas, Ferragens, Armarinho, Calçados, Chapéus, Louças, Molhados, Sal, Café, etc, etc.	Morrinhos
DÉCADA DE 1890		
Hermenegildo, Nunes, Silveira & Cia Sucessora de Hermenegildo, Nunes & Cia.	Com grande sortimento de Fazendas, Ferragens, Armarinho, roupa feita, calçado chapéus, louça, molhado, sal, café e gêneros do país	Morrinhos
João Lopes Zedes	Com grande sortimento de fazendas, ferragens, roupa feita, armarinho, chapéus, calçado, louça, molhados, sal, café e gêneros do país	Morrinhos
DÉCADA DE 1900		
Joaquim Firmo Vellasco & Cia	Com grande sortimento de fazendas, ferragens, roupa feita, armarinho, chapéus, calçado, louça, molhados, sal, café e gêneros do país	Morrinhos
Pedro Nunes da Silva Sucessor de Hermenegildo, Nunes, Silveira & Cia.	Grande sortimento de sal, café, querosene e arame farpado. Fazendas, ferragens, roupa feita, armarinho, chapéus, calçado, armas, louça e gêneros do país, etc.	Morrinhos
João Lopes Zedes	Com grande sortimento de fazendas, ferragens, roupa feita, armarinho, chapéus, calçado, louça, molhados, sal, café e gêneros do país	Morrinhos
Abrahão Metran & Cia.	Completo sortimento de: fazendas finas, ferragens,	Rua 07 de setembro

	roupas feitas, armarinho, calçados, chapéus, perfumaria, louças, etc. Artigos para confecção de modas. Depósito de sal, Querosene, café, farinha de trigo e gêneros do país, ferramentas para lavoura, arreios de acabamento fino e grosso, armas de todas as espécies e cartuchos para armas de fogo.	– Morrinhos-GO
Hermenegildo, Nunes, Silveira & Cia. Sucessora de Hermenegildo, Nunes & Cia.	Com grande sortimento de fazendas, ferragens, armarinho, roupas feitas, molhados, sal, café e mais gêneros do país, etc., etc.	Morrinhos
A Pharmacia Ernestina Proprietário Augusto Ferreira De Lewergger		Morrinhos
Limirio Ribeiro Quinta & Comp	Lojas de fazendas, armarinhos, roupa feita, chapéus de sol e de cabeça, perfumarias, drogas medicinais, ferragens finas e grossas, arame farpado, sal, café, querosene, farinha de trigo, etc. Sempre à venda excelentes pílulas contra sezões, maleitas e outras febres	Morrinhos
Cyrillo Cardoso de Almeida	Com sortimento de fazendas, ferragens, armarinho, roupas feitas, molhados, sal, café e mais gêneros do país, etc., etc.	Morrinhos
DÉCADA DE 1910		
Limirio Ribeiro Quinta & Comp.	Lojas de fazendas, armarinhos, roupa feita, chapéus de sol e de cabeça, perfumarias, drogas medicinais, ferragens finas e grossas, arame farpado, sal, café, querosene, farinha de trigo, etc. sempre à venda excelentes pílulas contra sezões, maleitas e outras febres.	Morrinhos
Antônio Da Costa	Negociante de fazendas, armarinhos, roupas feitas, chapéus, ferragens, louças, secos e molhados	Largo da Matriz – Estrada de Goiás/Morrinhos-GO
João Lopes Zedes	Negócio de armarinho, fazendas, ferragens, calçados, louça, roupas feitas, sal, etc.	Estrada de Goiás – Morrinhos-GO
João Felício Chaves Marum Assad Chaul	Completo sortimento de louça, ferragens, armarinho, calçados, chapéus, roupas feitas, perfumaria, etc. Grande armazém de sal, café, querosene, farinha de trigo, arame farpado, molhados e gêneros do país	Rua da Matriz – Morrinhos- Goiás
Felix Assaly & Comp.	Negociante de fazendas, armarinho, ferragens, chapéus de sol e de cabeça, calçados, louças, perfumarias, sal, café, querosene, fósforos e gêneros do país, etc.	Morrinhos – GO
Abraão Chaibub & Irmãos	Negociantes de fazendas, armarinhos, roupas feitas, ferramentas para lavoura, etc. Armazém de sal, querosene, arame, fósforos, etc. Compram couro, borracha e arroz Vendas atacado e varejo	Rua boa vista n.68 Araguay – MG Filial: Morrinhos-GO
Abraão Metran	Completo sortimento de: fazenda finas, ferragens, roupas feitas, armarinho, calçados, chapéus, perfumaria, louças, etc. artigos para confecção de modas. Depósito de sal, querosene, café, farinha de trigo e gêneros do país, ferramentas para lavoura, arreios de acabamento fino e grosso, armas de todas as espécies e cartuchos para armas de fogo	Rua 07 de setembro Morrinhos-GO
José Romano	Completo sortimento de roupas feitas, fazendas,	Rua do comércio –

	ferragens, armarinho, louças, perfumaria, chapéus, drogas medicinais, armas, etc. Armazém de sal, café, querosene, farinha de trigo, arame farpado, molhados e gêneros do país. Depósito de secos e molhados	(Atual Barão do Rio Branco) Morrinhos-GO
Miguel & Irmão	Negociantes de fazendas, armarinho, ferragens, chapéus de sol e de cabeça, perfumarias, miudezas, molhados e gêneros do país, etc.	Morrinhos
Pedro Nunes Da Silva Sucessor De Hermenegildo, Nunes, Silveira & Cia.	Grande de sal, café, querosene e arame farpado. Fazendas, ferragens, roupa feita, armarinho, chapéus, calçado, louça e gêneros do país, etc.	Morrinhos
Abraão Metran & Comp.	Completo e variado sortimento de fazendas, ferragens, roupas feitas, armarinho, calçados, chapéus, louças, artigos para confecções de modas, armas e cartuchos para toda arma de fogo. Ferramentas para lavoura, arreios de acabamento fino e grosso, cobre em chapas e em obras. Armazém de sal, café, farinha de trigo, querosene, arame farpado, molhados, gêneros do país e mais outros artigos.	Com duas filiais na mesma rua
Pharmacia S. Sebastião Do Pharmaceutico Adolpho Antônio Araujo	Completo sortimento de produtos químicos e farmacêuticos nacionais e estrangeiros. Aviam-se receitas a qualquer hora do dia e da noite	Morrinhos
Oseas Antônio da Costa	Negociante de fazendas, armarinhos, roupas feitas, chapéus, ferragens, louças, secos e molhados	Largo da Matriz – Morrinhos-Go.
José Teodoro Rodrigues	Negociante de sal, café, querosene e arame farpado. Fazendas, ferragens, roupa feita, armarinho, chapéus, calçado, louça e gêneros do país, etc	Arraial de Santa Rita do Pontal – (Pontalina)
Perné, Cardoso & Cia	Negociante de sal, café, querosene e arame farpado. Fazendas, ferragens, roupa feita, armarinho, chapéus, calçado, louça e gêneros do país, etc	Morrinhos-GO
A. Metran & Saddik	Ferramentas para lavoura, arreios de acabamento fino e grosso, armas de todas as espécies e cartuchos para armas de fogo. Completo sortimento de roupas feitas, armarinhos, ferragens, calçados chapéus, perfumarias, louças, drogas, etc. Artigos para confecção de modas. Armazém de sal, querosene, café, arame farpado, farinha de trigo, etc.	Morrinhos-GO
Marques & Irmãos	Completo e variadíssimo sortimento de fazendas, ferragens, armarinho, calçados para homens, senhoras e crianças, chapéus de sol e de cabeça, roupas feitas, louças, perfumaria, etc. Grande armazém de sal, café, querosene, farinha de trigo, arreios, arame farpado, etc.	Bananeiras-(Goiatuba-GO)
Bazar Goiano/Rogério Prates Cotrim	Completo sortimento de fazendas, armarinho, calçados, chapéus, louças e molhados. Armazém de sal, arame, querosene, farinha de trigo e gêneros do país. Compra e venda de gêneros alimentícios.	Bananeiras – (Goiatuba-GO)
Abraão Elias & Filho	Completo sortimento de roupas feitas, fazendas, ferragens, armarinho, louças, perfumaria, chapéus, etc. Armazém de sal, café, querosene, farinha de trigo, arame farpado, molhados e gêneros do país.	Morrinhos-Go

Fonte: Notas de cobrança de anexas aos processos disponíveis na Escrivania de Família e Sucessões do Fórum Dr. Guilherme Xavier de Almeida de Morrinhos - Go. - inventários *post-mortem* de 1870-1930.

* Estabelecimentos em destaque verde são de propriedade de comerciantes de origem sírio-libanesa que começaram a se estabelecer no sul de Goiás dos fins da década de 1890.

FOTO 2 – MODELO DE NOTAS DE COBRANÇA DOS ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

Cidade de Morrinhos, 8 de Junho de 1896

O Ilm. Sr. Antonio Lacerda de Souza Comprador

a HERMENEGILDO, NUNES, SILVEIRA & C^o

Com grande sortimento de Fazendas, Ferragens, Armazém, Loupa feita, Chapéus, Calçado, Louça, Melhado, Sal, Café e

GENÉRIOS DO PAIZ

			Valor	Abono
1894	1	Peça alg. m. sup. 8m.		
Março 19	4 ²⁵	metros riscado suizo	6,400	
	2	Pilos " curta fina	4,250	
	1	Terno passimeta	800	1,600
	2 ^{1/2}	metros basto casaca lta	18,000	
Maio 15	8	Pilos curta f. sup.	7,000	
" 17	1	Caixa mercenaria	8,000	
	1	Puzia decalhetada	3,000	
Setembro 7		Recebimentos	2,240	
" "	1	Peça de alg. m. 10m.		20,000
1895	1	Par chinelos suizos	8,500	
Jan. 1 ^o	3	Lenços estitatos 1/2m 1/2m	4,000	
	8 ⁷⁵	metros riscado suizo longo	2,800	
Março 10		Recebimentos	8,500	
	6	metros riscado m. d.	1280	20,000
	1	Coletor luto q. sup.	7,680	
	2	metros curta curta	20,000	
Junho 2	1	Chapéu lta sup.	2,200	
Julho 27	3	metros riscado longo sup. 12m	16,000	
	2	Camisas de linha elata	3,600	
	1	Par botinas suizas 16	500	
	1	Par botinas suizas 16	18,000	
1896	2 ^{1/2}	metros basto longo truco 10m	7,500	
Fevereiro 29	2	metros riscado suizo	1500	3,000
		Continua	145,770	40,000

Fonte: Notas de cobrança de anexas aos processos disponíveis na Escrivania de Família e Sucessões do Fórum Dr. Guilherme Xavier de Almeida de Morrinhos - Go. - inventários post-mortem de 1870-1930.

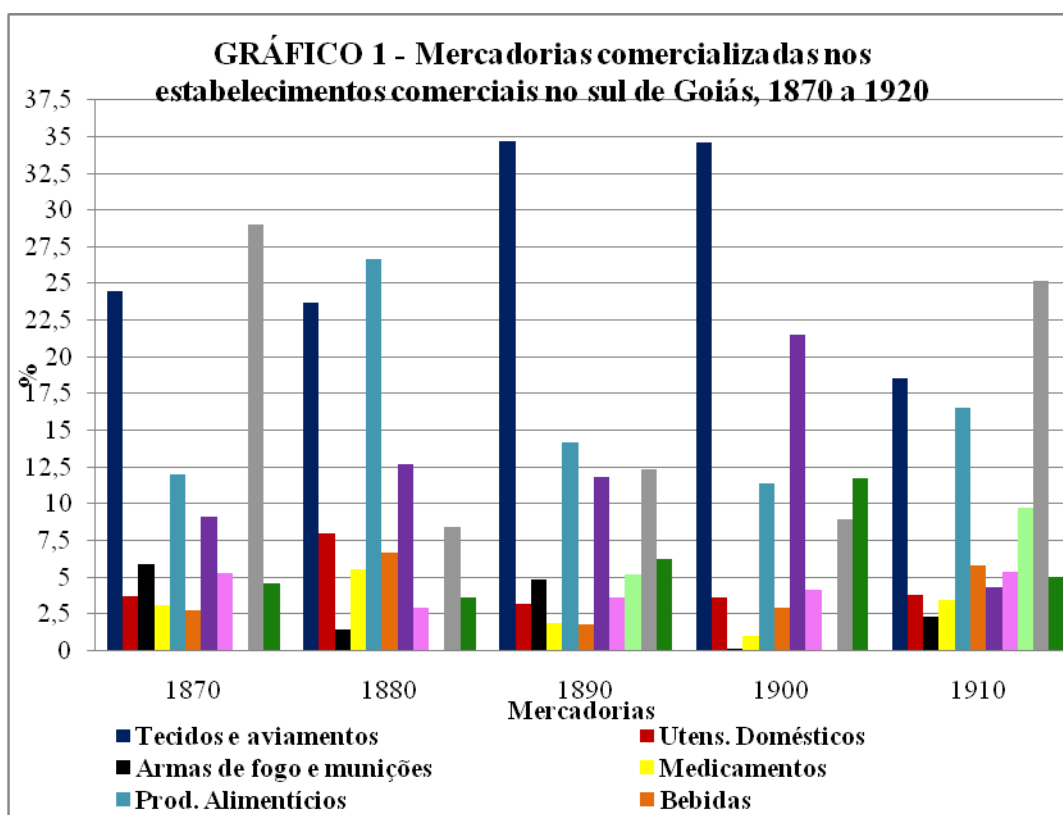
Na região sul de Goiás, conforme se pode notar no Gráfico 1, os estabelecimentos comerciais tinham a prática de empréstimo de dinheiro a juros. A distribuição de vales dinheiro, também, era praticada por comerciantes de primeira linha como o coronel Hermenegildo Lopes de Moraes e o então major Pedro Nunes da Silva, sócio e, posteriormente, herdeiro e sucessor na loja Hermenegildo Lopes de Moraes & Cia. Até o limiar do século XX, a loja comercial do coronel Hermenegildo Lopes de Moraes era, provavelmente, o estabelecimento comercial mais completo de Morrinhos. Além do comércio regular das vilas havia também, o comércio itinerante praticado por tropeiros profissionalizados ou mascates. No final do século XIX, já “começava a mascatear no sul de Goiás os sírios e libaneses” (LEAL, 1975, p.139).

A presença dos sírios libaneses em Goiás vem de longa data, desde, os tempos da mineração. Mas, a presença destes, se intensificou no final do século XIX, principalmente, nos primeiros trinta anos de século XX com a chegada da estrada de ferro. Na cidade de Goiás, “havia em 1892, a presença de pelo ou menos uma família de origem árabe – os Pelles – e outra, em 1908, com a chegada dos Sade” (NUNES, 2000, p.71).

A partir das notas de cobrança de dívidas passivas em anexo nos inventários *post-mortem*, conforme Tabela 1, nota-se que na década de 1910, dos dezenove estabelecimentos comerciais mencionados nas notas de cobrança de dívida, nove eram controlados por comerciantes de origem sírio-libanesa como: Abraão Metran, Saddik, Abrahão Chaibub, Abrahão Elias, Félix Assahy, Felix Assali, João Felício Chaves (Marum Assad Chaul), Jorge Jose Romano, Jose Jorge Romano e José Romano e José Miguel Metran. Conforme observa-se na Tabela 1 as famílias de sírio e libaneses, praticamente detinha a hegemonia do comércio em Morrinhos. Além disso, os melhores estabelecimentos eram administrados por estas famílias como as duas lojas de Abraão Metran.

A presença destes imigrantes insere-se em um contexto de expansão do mercado consumidor e produtor de mercadorias agropastoris. A maioria dos árabes ao chegar a Goiás acabava se dedicando ao comércio. Com a ajuda de um fornecedor, geralmente, sírio-libanês mais bem sucedido, recebia mercadorias para mascatear. Após alguns anos de trabalho poderia estabelecer-se em alguma vila ou cidade promissora uma ou várias lojas. Por Goiás ser um Estado predominantemente agrário, o mascate poderia auferir grandes lucros intercambiando os produtos que chegavam via estrada de ferros dos grandes centros urbanos

com a população rural que desconhecia as novidades produzidas pela indústria (NUNES, 2000).



Fonte: Notas de cobrança de anexas ao processos disponíveis na Escrivania de Família e Sucessões do Fórum Dr. Guilherme Xavier de Almeida de Morrinhos - Go. - inventários *post-mortem* de 1870-1930.

Desta forma, de acordo com essas informações conforme se observa do Gráfico 11, a população comprava os mais variados tipos de produtos. O gasto nas repartições era em primeiro lugar com tecidos e aviamentos para corte e costura que corresponderam a quase 35 % dos gastos nas décadas de 1890 e 1900; Seguido pelo gasto com alimentos, mais precisamente café, açúcar, sal e, mais tarde, nas décadas de 1900 e 1910, a farinha de trigo que começou a fazer parte da alimentação dos goianos. Por serem produtos caros, chegou a representar na década de 1880, a 27% dos gastos nos estabelecimentos; empréstimos em dinheiro, chegaram a corresponder a quase 30% das notas na década de 1870 e 25% na década de 1910; bebidas, gastava-se principalmente com vinhos e aguardente, mas, nas décadas de 1900 e 1910, a cerveja já começava a ser consumida em escala consideráveis; roupas, acessórios e calçados; ferramentas de lida com gado e lavoura; a partir da década de 1890, o arame, começava figurar também entre as mercadorias .

Dentre os principais medicamentos comercializados nos estabelecimentos comerciais destaque para o ruibarbo, utilizado para combater dores de fígado e intestino. Sal de Glauber

ou sal amargo aplicado para intoxicação intestinal. Salsa de beira do córrego para desintoxicação ou tratamento de problemas de pele, como caso de erisipela, que chamavam de cobreiro de sapo. Da folha de babosa fazia-se o melado do qual era fabricado pílulas que para serem tomadas com a finalidade de combater doenças de hemorróidas e moléstias do fígado. Utilizava-se ainda capim fedegoso para curar gripe. Mentrasto com sal para combater dores no estômago. (REBELLO, 1987)

Além destes medicamentos naturais, comprava-se, também pílulas de bristol, pílulas de *reuters*, maná, magnésio, óleo de recino, folha de sabugueiro, etc. Em média 3% das despesas era com esse tipo de medicamentos. Em uma época de poucos recursos que a moderna medicina poderia oferecer a cura de doenças assentava-se na fé e no poder curativo das plantas medicinais. A partir dos medicamentos que eram comercializados é possível afirmar que naquele tempo o exercício da prática de benzedura e de curanderismo era muito comum. Havia rezas para tudo: curar cobreiro, mau-olhado, quebranto, impingem, espinhela caída, etc. Na década de 1920, havia em Morrinhos apenas dois médicos formados em exercício – Sylvio Gomes de Mello e Gumercindo Otero – que atendiam as famílias mais instruídas e de posses e disputavam com as benzedouras, parteiras e curandeiros a preferência da população local que, também, os procuravam para salvar animais de estimação e gado. (REBELLO, 1987)

Com a chegada da estrada de ferro possibilitou, por um lado, o escoamento significativo da produção agromanufatureira e agrícola para os portos e mercados do sudeste, por outro, introduziu um volume maior de mercadorias industrializadas no sul de Goiás interior a preços bem mais acessíveis. O que pode ter contribuído para o crescimento da circulação de mercadorias e dinheiro e, crescimento do mercado consumidor em vias de dar seus primeiros sinais de expansão.

A partir da análise dos bens imóveis inventariados entre as décadas de 1840 a 1920, mostram que durante o período além da inserção de novas mercadorias que passaram a estar acessíveis no sertão, evidencia de certa forma, um crescimento significativo nas atividades produtivas, principalmente, na agromanufatura com o crescimento do número de alambiques e engenhos presentes entre os bens imóveis mostram que a produção de agromanufaturados da cana-de-açúcar – aguardente, rapaduras e açúcar mascavo - deve ter tido um crescimento muito significativo a partir da década de 1870 e, principalmente, na década de 1920, quando foi registrado 21 engenhos.

Conforme informações colhidas dos inventários *post-mortem*, a partir da década de 1870, pode ter havido um crescimento significativo do mercado consumidor interno em Goiás. Em relação ao mobiliário, percebe-se que a partir da década de 1870, novas mercadorias industrializadas começaram a fazer parte da vida cotidiana de algumas famílias, especialmente, as mais ricas. No mobiliário, cômodas, guarda roupas, canapés e cadeiras de palhinha, os relógios de parede e algibeira, máquinas de costura, lampiões de querosene, moinhos de moer café, malas e os ferros a vapor já se faziam presentes em algumas residências.

A melhoria dos meios de comunicação e transportes veio a contribuir para o crescimento do comércio e do consumo no sul de Goiás. Fazendo uma análise comparativa entre o volume de bens móveis inventariados no período de 1840 a 1930, os lares passaram a contar com novas mobílias, e mesmo entre as mais comuns, como bancos, catres/camas, mesas, percebe-se um crescimento muito grande no volume destes bens móveis nos lares. Na soma total de todos os bens móveis arrolados, conforme Tabela 1 acima, entre os anos de 1841 a 1870, foram arrolados na amostragem de inventários consultada, 516 bens móveis; já no período de 1871 a 1900, o volume de bens móveis saltou para 1849, um crescimento de 445%; já entre os anos de 1901 a 1930, contexto marcado pela presença da estrada de ferro e início do transporte rodoviário, o volume de bens móveis saltou para 2443, uma alta de 132% em relação ao período precedente.

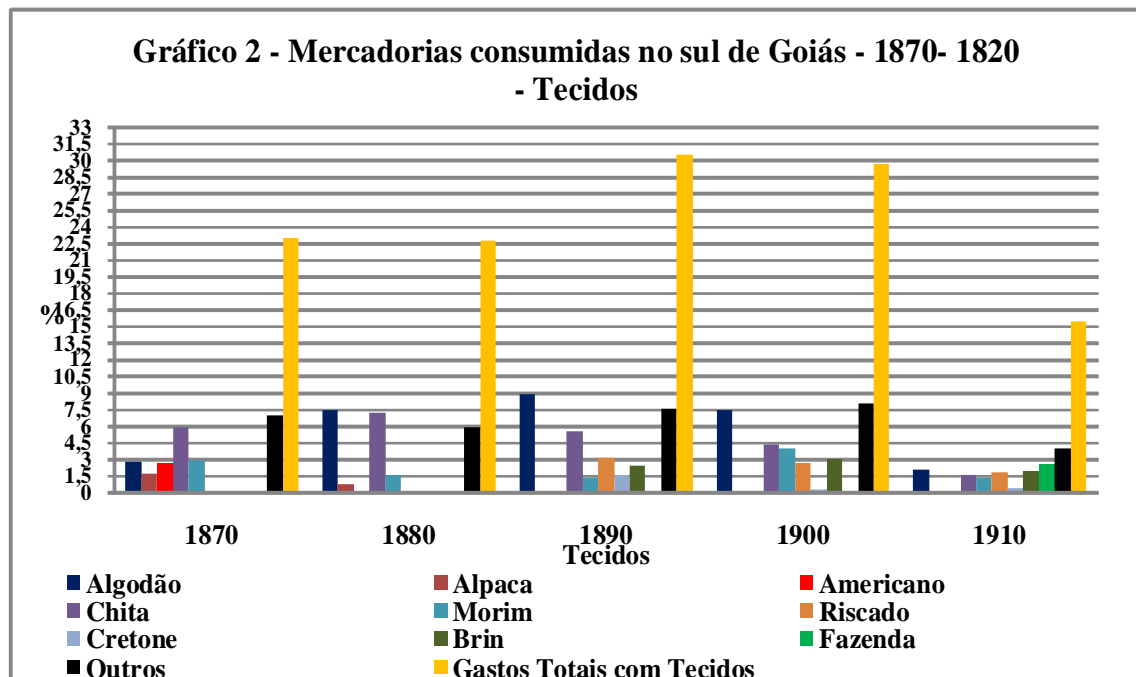
Por outro lado, a presença das máquinas de costura, sobretudo, na década de 1920, com chegada das primeiras tocadas no pé, fez reduzir o volume de rodas de fiar e teares nos domicílios das famílias mais ricas que passaram a confeccionar uma variedade maior de roupas em casa, tendo como matéria-prima, uma grande variedade de tecidos industrializados que eram oferecidos nos estabelecimentos comerciais de Morrinhos e região.

Conforme, pode-se observar na Tabela 2, somente na década de 1920, foram inventariadas 30 máquinas de costura, os tecidos de algodão produzidos pelas fiandeiras e tecedeiras locais, neste período, já sofria a concorrência pela preferência nos lares de outros tipos de tecidos oriundos da indústria têxtil – às vezes importados da Europa - como o brin, linho, a chita, a seda, casimira, etc.

TABELA 2 – QUANTIDADE DE MOBILIÁRIO INVENTARIADO, 1840/1930*

MOBILIÁRIO EXISTENTE	DÉCADAS															
	1840	1850	1860	TOTAL	%	1870	1880	1890	TOTAL	%	1900	1910	1920	TOTAL	%	TOTAL
Alambiques	1	0	4	5	8,9%	4	8	13	25	44,6%	8	10	8	26	46,4%	56
Alavancas	2	4	5	11	14,7%	11	15	12	38	50,7%	9	6	11	26	34,7%	75
Armários	0	2	3	5	8,8%	5	15	9	29	50,9%	3	5	15	23	40,4%	57
Bancos de madeira	2	18	33	53	12,9%	18	59	63	140	34,1%	37	39	141	217	52,9%	410
Caixas	10	21	28	59	11,4%	39	109	101	249	48,3%	85	36	87	208	40,3%	516
Camas ou catres	5	20	27	52	10,3%	33	81	71	185	36,6%	57	47	164	268	53,1%	505
Canapés e cadeiras de palhinha	0	0	0	0	0,0%	-	14	45	59	36,2%	36	22	46	104	63,8%	163
Cavadeiras	0	0	0	0	0,0%	0	1	4	5	62,5%	2	0	1	3	37,5%	8
Cômodas	0	0	0	0	0,0%	1	2	0	3	30,0%	3	1	3	7	70,0%	10
Engenhos	2	3	4	9	12,5%	1	8	11	20	27,8%	11	11	21	43	59,7%	72
Ferros a vapor	0	0	0	0	0,0%	-	-	1	1	25,0%	2	1	0	3	75,0%	4
Guarda-Roupas	0	0	0	0	0,0%	-	-	2	2	33,3%	0	1	3	4	66,7%	6
Jóias	1	57	44	102	17,8%	19	22	114	155	27,1%	78	143	94	315	55,1%	572
Lampião de Querosene	0	0	0	0	0,0%	-	-	1	1	16,7%	3	2	0	5	83,3%	6
Malas	0	0	0	0	0,0%	-	-	-	0	0,0%	4	2	13	19	100,0%	19
Máquina de Costura	0	0	0	0	0,0%	2	3	12	17	24,3%	13	10	30	53	75,7%	70
Mesas	4	11	11	26	9,0%	18	52	48	118	40,8%	31	32	82	145	50,2%	289
Moinho de moer café	0	0	0	0	0,0%	-	-	2	2	7,7%	6	5	13	24	92,3%	26
Relógios	0	0	0	0	0,0%	0	3	11	14	24,6%	16	13	14	43	75,4%	57
Rodas de fiar	7	6	8	21	19,1%	19	35	15	69	62,7%	10	4	6	20	18,2%	110
Teares	1	3	5	9	14,5%	6	15	10	31	50,0%	7	4	11	22	35,5%	62
Utensílios de alumínio	0	0	0	0	0,0%	0	0	0	0	0,0%	0	0	3	3	100,0%	3
Utensílios de cobre	16	26	48	90	14,7%	57	107	106	270	44,0%	75	56	122	253	41,3%	613
Utensílios de Ferro	12	36	26	74	6,7%	53	190	173	416	37,9%	352	63	194	609	55,4%	1099
TOTAL	63	207	246	516		286	739	824	1849		848	513	1082	2443		4808

Fonte: Escritania de Família e Sucessões do Fórum Dr. Guilherme Xavier de Almeida de Morrinhos - Go. - inventários *post-mortem* de 1843-1930. *250 Inventários consultados.



Fonte: Notas de cobrança de anexas aos processos disponíveis na Escrivania de Família e Sucessões do Fórum Dr. Guilherme Xavier de Almeida de Morrinhos - Go. - inventários *post-mortem* de 1870-1930.

Por outro lado, em virtude da presença das máquinas de costuras, o volume de teares e rodas de fiar arroladas nos bens móveis, tem significativa redução entre os anos de 1900 a 1930. Mas, no geral, pode-se concluir que as residências de uma maneira geral estavam bem mais mobiliadas do que poderia proporcionar às famílias que tinham dinheiro para gastar um relativo conforto. Um lar bem montado e mobiliado poderia representar status social em meio a uma sociedade agrária e rústica.

Dentre os diversos tipos de tecidos disponíveis nos estabelecimentos comerciais do sul de Goiás, o algodão e a chita disputavam a preferência dos fregueses. Os tecidos mais consumidos além destes, eram a alpaca, galão e o cretone, além de serem utilizados na confecção de roupas eram muito utilizados no preparo de caixões e defuntos para as cerimônias fúnebres. O tecido americano apareceu com relativa frequência até a década de 1880, posteriormente, praticamente, caiu em desuso. Por outro lado, a partir da década de 1890, aparecem o brin, o riscado e a fazenda. Tecidos e aviamentos representavam em média 25% dos gastos nos estabelecimentos, sendo que na década de 1890, o gasto com tecidos representava 30,5% do valor das dívidas nos estabelecimentos comerciais.

Com a introdução da máquina de costura o consumo de tecidos cresceu a partir da década de 1890. Além do consumo de tecidos, gradativamente, o consumo de roupas industrializadas começa a ser um hábito, sobretudo, das pessoas que residiam na cidade. O

historiador Americano do Brasil, afirmou que “na década de 1920, a importação de tecidos, através da ferrovia, atingiu a cifra de 275 toneladas, num total de quase 10 mil toneladas de mercadorias importadas”(NUNES, 2000, p. 90, Apud. AMERICANO DO BRASIL, 1923, p. 57).

Depoimento oral colhido por Marcolina Garcia mostra que “naquele tempo (década de 1920), a senhora ia na cidade, em quarquê repartição a Sra. Separava a classe da cidade com a da roça, pela ropa, pelo jeito de carça, o chapéu”(GARCIA, 1981, p.174). Ou seja, na década de 1920, já se fazia a distinção entre o homem do campo e da cidade. Geralmente, quem residia no campo, usava chapéu de palha e roupas fiadas e tecidas de algodão, enquanto que o homem da cidade, já influenciado pela cultura européia tinha por hábito o uso diário de chapéus de lebre, relógio de bolso, bengala, terno de brin e fumava cigarro de palha. O chapéu do homem rural era de palha e do homem urbano acompanhava o terno de brim branco. As mulheres vestiam saias longas denominada de amazonas em viagens a cavalo. (REBELLO, 1987; GARCIA, 1981)

Na vida cotidiana das cidades goianas no início do século XX a influência inglesa determinava o modo de se trajar de homens e mulheres, segundo Rebello,

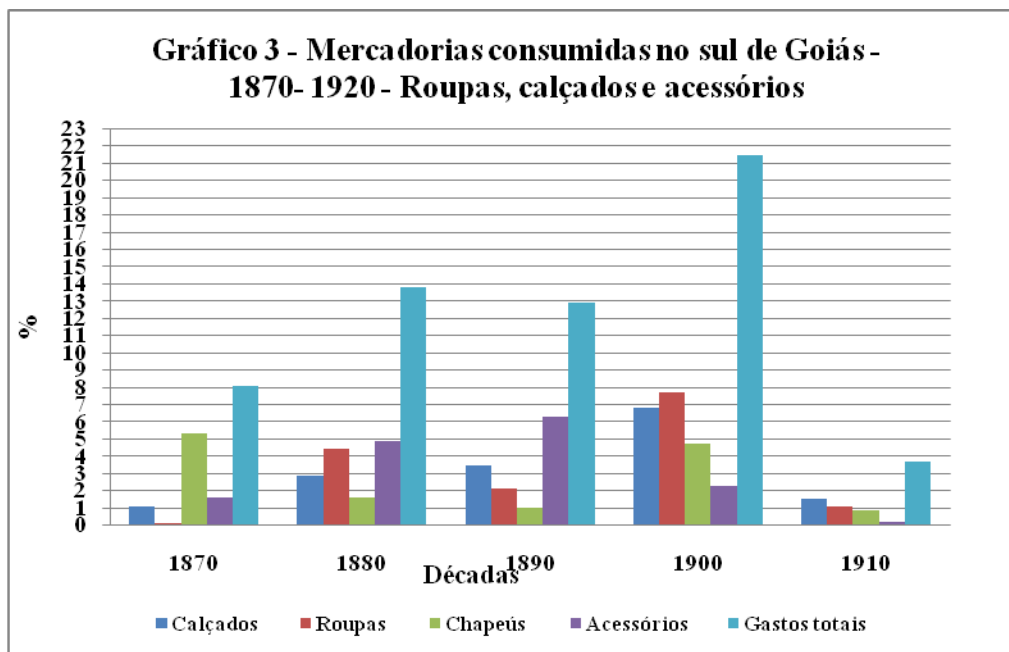
os homens usavam terno e gravata e as mulheres, sempre vestido colorido, branco ou rosa e a mantilha. Os sertanejos usavam camisa de manga comprida de algodão. Diziam que era traje de ir a missa chamava-se o traje de ir ao céu. [...] O traje usado para se fazer a primeira comunhão tinha de ser branco, com um laço no braço esquerdo, e o sapato podia ser de qualquer cor. As meninas usavam grinalda. [...] O traje íntimo usado pelos homens, na vida diária, chamava-se ceroulas que, em sua parte inferior, possuía tiras, com a finalidade de amarrá-la ao tornozelo. O traje usado pelo homem para dormir recebia o nome de camisolão-de-gola-alta (REBELLO, 1987, p.27-159)

Além da influência inglesa, na década de 1930, hábitos e costumes da cultura norte americana na cultura já se encontram presente na sociedade goiana do sul de Goiás. As roupas grosseiras de algodão fabricadas pelos próprios moradores em roda de fiar e teares, já começava a entrar em desuso,

muitos vaqueiros, provavelmente, influenciados pelo cinema, já se vestiam à moda dos cowboys norte-americanos: camisa de xadrez, chapéu grande de feltro e calças largas de couro. Notava a tendência Com a tendência provável ao desaparecimento do antigo e tradicional cochipó, lenço de cor que os peões ou boiadeiros atavam no pescoço. (BRUNO, 1967, 124-125)

Em princípios do século XX, o uso de chapéus de lebre e ternos de brin ou linho já fazia parte do cotidiano de muitas pessoas, sobretudo, das famílias mais ricas e residentes nas cidades e vilas.

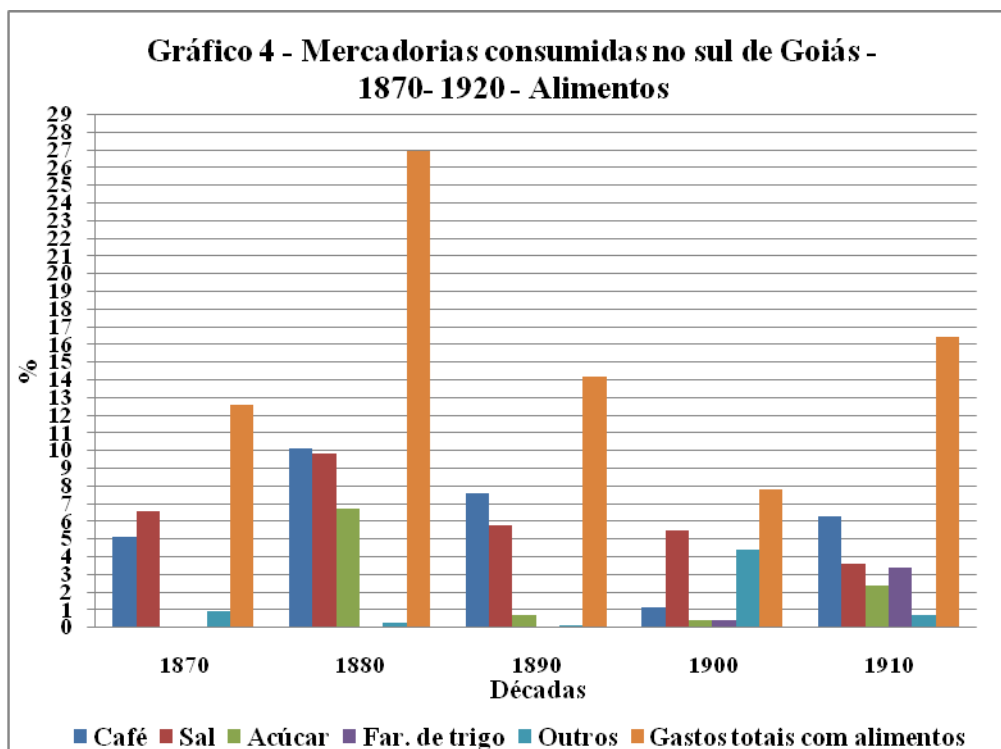
No entanto, essas mudanças não foram abruptas. Segundo Joan Lowel (Apud. GARCIA, 1981) em Goiás, na década de 1930, uma boa esposa consistia, além de ser mãe, tinha que saber lidar com o algodão. Tecer, fiar, tingir e preparar meada era pré-requisitos de uma boa esposa.³ Concomitante à lida tradicional do algodão, com a chegada da máquina de costura, provavelmente, entre as famílias mais finas e abastadas a costura, o crochê e a borda de tecidos tornaram-se dotes necessários às senhorinhas.



Fonte: Notas de cobrança de anexas ao processos disponíveis na Escrivania de Família e Sucessões do Fórum Dr. Guilherme Xavier de Almeida de Morrinhos - Go. - inventários *post-mortem* de 1870-1930.

Além do consumo de tecidos e aviamentos, o gasto com calçados, roupas, chapéus e acessórios, também era significativo. Exceto na década de 1910, em decorrência do crescimento do consumo de arame e do volume de empréstimos contraídos nos estabelecimentos comerciais, os gastos com roupas, calçados e acessórios teve sua participação reduzida a menos de 4% dos gastos. No entanto, de 1870 a 1910, os gastos de roupas, calçados e acessórios – entende por acessórios, meias, cintos, lenços, toalhas, roupas de cama, etc. – chegaram a mais de 21% dos gastos totais em mercadorias nos estabelecimentos comerciais. A drástica redução nos gastos com roupas, calçados e acessórios, na década de 1910, deveu-se, por um lado, pela entrada e crescimento do consumo de produtos de alto valor agregado, como o arame e a farinha de trigo e consumo de bebidas, com destaque para a cerveja e por outro, pelo crescimento da demanda por crédito nos estabelecimentos comerciais.

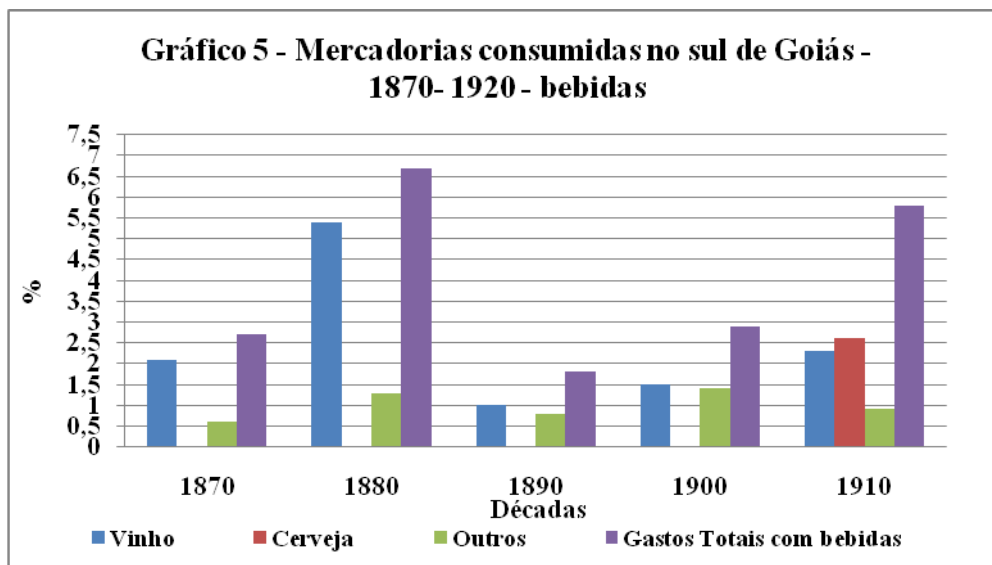
³ Segundo Joan Lowel suas habilidades como saber dirigir, cantar, cuidar da pele, etc., não faziam nenhum sentido nem tinham utilidade naqueles sertões. (Apud. GARCIA, 1981, p.166)



Fonte: Notas de cobrança de anexas aos processos disponíveis na Escrivania de Família e Sucessões do Fórum Dr. Guilherme Xavier de Almeida de Morrinhos - Go. - inventários *post-mortem* de 1870-1930.

Por se tratar de uma sociedade agrária e autossuficiente o gasto com produtos alimentícios ficava restrito à algumas famílias que residiam, exclusivamente, nas cidades e não possuíam propriedades rurais. Ao contrário dos dias atuais em que os supermercados acham-se abarrotados de produtos alimentícios industrializados, naquela época, os alimentos não constituíam o carro-chefe de um estabelecimento comercial, mas, as ferramentas, tecidos, roupas, sapatos e o dinheiro eram as principais mercadorias comercializáveis e de lucro garantido.

Exceto o café, o sal, o açúcar e a farinha de trigo, eram os únicos produtos alimentícios comercializáveis de forma significativa. A farinha de trigo, somente começou a aparecer nos estabelecimentos comerciais do sul de Goiás na década de 1880, mas, começou a ser consumida com mais frequência a partir de 1900. Conforme, observam-se no Gráfico 4, os gastos com farinha de trigo já representava mais de 3% dos gastos nos estabelecimentos comerciais. Na década de 1910, alguns produtos alimentícios industrializados como marmelada, estrato de tomate, bolachas, biscoitos e sardinhas começam a estar disponíveis e acessíveis à população. Em função do aumento do consumo de farinha de trigo e de uma maior diversificação de produtos alimentícios industrializados nas prateleiras dos estabelecimentos comerciais, na década de 1910, os gastos com alimentos passaram a representar mais de 16% das compras.



Fonte: Notas de cobrança de anexas aos processos disponíveis na Escrivania de Família e Sucessões do Fórum Dr. Guilherme Xavier de Almeida de Morrinhos - Go. - inventários *post-mortem* de 1870-1930.

As bebidas mais consumidas pela população era a aguardente (popularmente conhecida por pinga ou caninha), bebida mais barata e acessível às populações mais pobres. Devido ao seu baixo valor e pelo fato de ser produzida em larga escala nos engenhos, a sua participação no montante das dívidas contraídas nos estabelecimentos era insignificante. Depois da aguardente o vinho era a bebida preferida, mas, devida ao seu preço era consumida apenas em ocasiões especiais. O consumo de cerveja apareceu esporadicamente nas notas de compra, já na década de 1870, seu consumo era muito esporádico. Somente a partir da década de 1910, provavelmente, com a possibilidade de ser consumida gelada, os gastos com cerveja superou o vinho na preferência. Neste período, conforme notas, de cobrança o gasto já representava 2,5% do total das despesas nos estabelecimentos comerciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença da estrada de ferro em Goiás possibilitou além do crescimento da produção agropastoril na região sul de Goiás, contribuiu para a mudança de cultura e mentalidade, ao introduzir novos hábitos de costumes e a disseminar os valores de uma sociedade de consumo em detrimento de uma cultura que se auto sustenta. A sociedade goiana passou a ter a possibilidade de consumir um volume maior de produtos e mercadorias industrializadas, originárias do sudeste e da Europa. No vestuário tecidos produzidos pela indústria têxtil nacional e internacional passaram a ser encontrados com maior frequência nos

estabelecimentos comerciais. Da mesma forma, novos produtos que passariam a ser símbolos representativos da sociedade industrial capitalista como: o automóvel, o relógio, as estruturas metálicas utilizadas na construção das primeiras pontes de estradas de rodagens e trilhos, os lampiões a gás ou querosene eram os indícios de uma nova era que se iniciava com a chegada do século XX.

O crescimento da participação na riqueza das propriedades urbanas e dos bens móveis ao longo do período estudado pressupõe que a região sul de Goiás teve um relativo processo de urbanização, crescimento do mercado consumidor interno. Objetivos que deverão ser alcançados com a continuidade da pesquisa serão o de mostrar até que ponto, a chegada dos trilhos da estrada de ferro influenciaram no desenvolvimento de cultura de consumo no sul de Goiás entre os anos de 1850 a 1930.

Conforme análise da composição do mobiliário inventariado entre os anos de 1850 a 1930 pode-se supor que ocorreu um significativo crescimento do mercado consumidor interno. Novos mobiliários como a máquina de costura, os guarda-roupas, os canapés e cadeiras de palhinha, os relógios de parede e algibeira, máquinas de costura, lampiões de querosene, moinhos de moer café, malas e os ferros a vapor já começavam a fazer parte da vida cotidiana de muitos lares, sobretudo, entre as famílias mais abastadas e que tinham residências na cidade. O crescimento do consumo torna-se evidente, pois além do aumento do volume de bens móveis nas residências, a participação destes, na riqueza familiar teve um crescimento significativo entre os anos de 1850 a 1930 passando de 6% para mais 11,4% da riqueza inventariada.

Outro aspecto importante e perceptível foi a relativa valorização das propriedades á medida que Goiás se integrava veementemente com a região sudeste do país. Conforme análise dos inventários *post-mortem* o valor médio dos preços das terras de cultura avaliadas saltaram de 8,3 e 16,3 mil réis o alqueire na década de 1910 a preços que variavam de 72 e 200 mil réis no final da década de 1920. Consequentemente, ocorreu o crescimento da participação dos bens imóveis no conjunto da riqueza inventariada. Na década de 1850, os bens imóveis não chegava a representar 20% da riqueza, na década de 1920, correspondia a mais de 60% da riqueza inventariada. Percebeu-se também um crescimento significativo das áreas destinadas a pastagens e plantio e, também, o cercamento e demarcação das propriedades rurais.

Por fim, novos hábitos alimentares passaram a ser incorporada na cultura goiana, como o consumo de farinha de trigo e seus derivados, a cerveja, com destaque para a cerveja Antártica, consumo de bebidas importadas como o vinho e aguardente portuguesa. Na década de 1920, tem-se início, de forma mais veemente o consumo de alimentos industrializados, como a sardinha, as bolachas e biscoitos, extrato de tomate, etc.

No vestuário cada vez mais, as famílias mais importantes e ricas, se espelhavam na moda europeia. Os homens seguiam o estilo britânico de se vestir, com destaque, para o terno e o chapéu de lebre e, ocasionalmente, a gravata. No campo, já era perceptível a influência da cultura norte-americana como o uso de camisas de xadrez, chapéus grandes e de feltro e calças largas de couro. As mulheres se inspiravam nos modelitos de Paris difundidos pelos almanaques e jornais de circulação da época. Enfim, era o início de uma nova era, marcada pela disseminação da valorização do trabalho, uso econômico do tempo e do dinheiro, monetarização das relações sócias e de uma sociedade de consumo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- _____. **A Marcha das Migrações: a ocupação e colonização da região sul de Goiás, 1800-1850.** In. História Revista: Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História/Universidade Federal de Goiás. – Goiânia: Programa de Pós-Graduação em História, v. 13, n. 1, jan./jun. 2008
- BERGAD, Laird W. **Escravidão e história econômica: demografia de Minas Gerais, 1720-1888.** Bauru,SP: EDUSC, 2004.
- BOCHI, João Ildebrando. **Século XIX: renascimento agrícola, economia cafeeira e industrialização.** In. REGO, José Márcio; MARQUES, Rosa Maria (Orgs.). *Formação Econômica do Brasil.* Ed. Saraiva: São Paulo, 2003.
- BORGES, Barsanufio Gomides. **Despertar dos Dormentes.**Goiânia:Cegraf/UFG, 1990.127 .p
- CAMPOS, Francisco Itami. **Coronelismo em Goiás.** 2.^a Ed. Goiânia: Vieira, 2003.141p.
- DAUMARD, A, BALHANA, A.P., WESPHALEN, C.M. e GRAF, M.E.C. **História Social do Brasil – Teoria e Metodologia.** Curitiba: Ed. Universidade Federal do Paraná, 1984.
- FRANÇA, Basileu Toledo. **Cavalo de rodas.** Goiânia: Oriente, 1979.
- FRANÇA, Maria de Sousa. **Povoamento do Sul de Goiás: 1872-1900 – estudo da dinâmica da ocupação espacial.** Dissertação de Mestrado apresentada no Instituto de Ciências

Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás em convênio com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. UFG: Goiânia, 1975.

GOMES, Horieste; NETO, Antônio Teixeira. **Geografia: Goiás/Tocantins**. CEGRAF/UFG: Goiânia, 1993.

GUIMARÃES, Eduardo Nunes. **A influência paulista na formação econômica e social do Triângulo Mineiro**. In. Anais do XI Seminário sobre a Economia Mineira realizado na cidade de Diamantina-MG. Disponível no endereço eletrônico: <http://www.cedeplar.ufmg.br/diamantina2004/textos/D04A065.PDF> - acessado em 09/01/2010

HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

LUZ, Maria Amélia de Alencar. **Estrutura Fundiária em Goiás: Consolidação e Mudanças, 1850 – 1910**. Dissertação apresentada no Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás. Goiânia: UFG, 1982.

LUZ, Maria Amélia de Alencar. **Estrutura Fundiária em Goiás: consolidação e mudanças – 1850-1910**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Goiás. Goiânia: UFG, 1982.

NAZZARI, Muriel. **O desaparecimento do dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, Hamilton Afonso de. **A construção da riqueza no sul de Goiás, 1835-1910**. Tese de Doutorado apresentada na Universidade Júlio de Mesquita Filho. UNESP: Franca-SP, 2006. Disponível no site www.dominiopublico.gov.br

PALACIM, Luís. **Os três povoamentos de Goiás**. Revista do Instituto Histórico Geográfico de Goiás. Ano 07 N.º08: Goiânia, 1979.

PETRONE, Pasquale. **Povoamento e colonização**. In. AZEVEDO, Aroldo de.(Org.) **Brasil: a terra e o homem**. Vol.II – A vida humana. Cia. Editora Nacional: São Paulo, 1970

Relatório final do zoneamento ecológico e econômico da região de Meia Ponte. Estudos básicos. Vol I. Estado de Goiás Secretaria do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e Habitação. Superintendência de Gestão e Proteção Ambiental. Metais De Goiás S/A – Metago: Goiânia, 1999.

ROSA, Joaquim. **Por esse Goiás afora**. Livraria e Editora Cultura Goiana: Goiânia, 1974.

TEIXEIRA, Tito. **Morrinhos como te vi e como te vejo**. 2.ª Ed. 1966.

XAVIER JÚNIOR, José. **Ponta de Linha**. Goiânia: Canone Editorial, 2002.